

A FÉ EM BUSCA DA FELICIDADE

FAITH IN SEARCH OF HAPPINESS

LA FE EN LA BÚSQUEDA DE FELICIDAD

Tatiana Oliveira dos Santos Maciel Pereira¹
Guilherme Augusto de Carvalho²

Resumo

O objetivo deste estudo é abordar o tema felicidade por meio da fé. O interesse principal é mostrar que ser feliz ou estar feliz não depende de situações momentâneas, nem apenas do indivíduo, mas de um senso de pertencimento e um olhar atento em relação ao curso da história, ao processo civilizatório. Isto é, entender que o ser humano necessita encontrar felicidade saudável, e não tirânica — imposta pela mídia e pelo marketing — mas fundamentada em verdadeiras e objetivas convicções de onde se quer chegar. Para tanto, é preciso fazer do tempo aliado, observar o alvo a ser atingido através das lentes da esperança e, acima de tudo, ver ao seu redor a possibilidade de ser verdadeiramente feliz.

Palavras-chave: fé; felicidade; humanidade; homem; cultura.

Abstract

This study objective is to approach the topic of happiness through faith. The main interest is to show that being happy or being happy does not depend on momentary situations, nor only on the individual, but on a sense of belonging and an attentive look at the course of history, at the civilizing process. That is, to understand that the human being needs to find healthy happiness, not tyrannical happiness imposed by the media and marketing, but happiness based on true and objective convictions of where one wants to be. To do so, it is necessary to make time an ally, to observe the target to be reached through the lens of hope and, above all, to see around you the possibility of being truly happy.

Keywords: faith; happiness; humanity; man; culture.

Resumen

El objetivo de este estudio es tratar el tema de la felicidad por medio de la fe. El interés principal es enseñar que ser feliz o estar feliz no depende de situaciones momentáneas, ni tampoco del individuo, sino de un sentido de pertenencia y de una mirada atenta al curso de la historia, al proceso civilizatorio. Es decir, entender que el ser humano necesita encontrar felicidad saludable, y no tiránica — impuesta por los medios y el marketing — sino fundamentada en verdaderas y objetivas convicciones sobre adónde se quiere llegar. Para ello, es necesario hacer del tiempo un aliado, observar la meta a ser lograda a través de los lentes de la esperanza y, sobre todo, buscar a su alrededor la posibilidad de ser feliz.

Palabras-clave: fe; felicidad; humanidad; hombre; cultura.

1 Introdução

O objetivo deste ensaio é abordar o tema “A fé e a busca da felicidade”, assunto que evolui a humanidade desde tempos remotos, abrange a filosofia e a teologia, um debate sobre

¹ Acadêmica do curso de Teologia no Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: tatianamaciel44943@gmail.com.

² Professor do Centro Universitário Internacional Uninter, Bacharel em Teologia, com Especialização em Filosofia e em Ciências da Religião e Ensino Religioso. E-mail: guilherme.carv@uninter.com.

a tricotomia humana, isto é, o corpo, a mente e o espírito. Os povos, através de seu multiculturalismo, desenvolvem diferentes maneiras de viver, mas em sua jornada abraçam a fé, confiantes de encontrar a almejada felicidade.

O autor suíço Rindlisbacher (2021, p. 12) enfatiza: “A fé é um estilo de vida que determina todo o nosso comportamento, a aplicação prática daquilo que se crê. Ela determina todo o pensamento como as ações”.

A questão da fé alcança o homem em sua raiz ontológica. Não se trata de fenômeno superficial, mas implica a pessoa integralmente. Pode-se dizer que a crença tem a ver com o estado último da pessoa, da história e do mundo. Valer-se da fé como instrumento para promoção da paz interior, que gera aproximação da essência humana, é acercar-se da essência de todos ao redor, pois, a fé completa a humanidade. Cada crença viva e saudável tem uma característica marcante. Seu poder consiste em sua mensagem especial e surpreendente, bem como na direção que sua revelação oferece à vida para criar um mundo mais leve. A fé, quando compartilha a mesma cosmovisão, possibilita uma vida mais feliz. Conforme sustenta o autor suíço:

Que a jornada da fé não é um simples passeio de lazer. É uma luta constante, uma ação contínua de treinamento, uma busca pelo progresso. Há um alvo diante dos olhos a ser alcançado. Na jornada da fé, devemos nos esforçar do mesmo modo como fazem os atletas que lutam constantemente para se manterem em boa forma e se concentram no essencial, mantendo-se afastados daquilo que os prejudica, com o objetivo de alcançar o alvo (LIETH, 2020, p. 18).

A cultura é instituída quando os homens estabelecem para si regras e normas de conduta que assegurem a existência e a conservação da comunidade, portanto, devem ser obedecidas até mesmo sob pena de punição. Tal argumento faz repontar a adversidade cultural religiosa e compreende a fé como vínculo entre os mundos profano e sagrado, entre a comunidade e as pessoas à divindade.

O imperador Romano Marco Aurélio (121-180 d.C.), em uma frase célebre, disse que “Nossa vida é o produto dos nossos pensamentos”; em outras palavras, o produto daquilo em que se acredita. O ser humano, como sociedade, pensa corretamente? Efeitos satisfatórios vem de atitudes corretas. Contudo, será que a humanidade entende que, quando transforma pensamentos corretos em uma crença que se torne um estilo de vida permanente, aproxima-se da felicidade?

Ser feliz talvez soe mandatório, imperativo. Não importa como está ou ficará meu semelhante. Fruto de uma semente globalizada e tecnológica, a individualidade está em alta, hoje o que importa são desejos imediatos, posses, estabilidade. O cosmos do homem é seu

quarto, seu escritório, seu computador, seu *smartphone*. Sua comunidade é virtual e suas interações, on-line. Seu modo de demonstrar afeto é pelas redes sociais, hoje, praticamente não se escutam vozes, apenas, leem-se palavras, frases curtas de felicitações pelo aniversário e datas importantes. Infelizmente, assim caminha a humanidade, famílias separadas apenas pelos cômodos da casa. Será somente nisso que se resume a felicidade, em estar bem consigo? Poderá o homem experimentar felicidade contínua? Ou apenas passageira?

De fato, existem circunstâncias realmente difíceis na vida, como enfermidades, divórcios, dificuldades financeiras, etc. A questão é entender se a alegria depende do momento, somente do que é palpável. Se assim for, talvez haja oscilação constante entre altos e baixos. Se a felicidade depender do ambiente, talvez seja tão insegura como um barquinho em alto-mar em uma noite tempestuosa. Na vida de qualquer um surgirão tempos difíceis, situações inesperadas e incompreensíveis. Conforme Silva (2017), a felicidade vai além do concreto, encontra o abstrato, o sensitivo, o mundo das ideias, como diria o filósofo grego Platão (428-348 a.C.). Ela faz florescer os sentimentos, desperta os sorrisos, as lágrimas, revigora o corpo, aquece a alma e renova o espírito para contemplação do belo. A felicidade pode transformar as trevas mais densas em dias ensolarados.

Como aduz o autor inglês Chesterton (2019, p. 10) no livro *Ortodoxia*, no início do século XX: “Precisamos ser felizes neste país das maravilhas sem antes estarmos meramente confortáveis. Essa é a façanha de meu credo que sempre buscarei.”.

2 A busca pela felicidade

A palavra “civilização” se origina no latim *civis*, *cidadão*. A utilização dessa palavra indica que o homem ultrapassou o estado primitivo, alcançou um patamar civilizado. O termo também é utilizado com o sentido de “cultura”, visto que o processo de civilização é contínuo, e, em geral, encerra a ideia do progresso do homem desde a era primitiva até o aprimoramento atual. Assim, refere-se ao homem moralmente sofisticado, com uma percepção estética refinada.

A humanidade sempre teve curiosidade por seus ancestrais, pelas civilizações anteriores, fato comprovado por grandes pesquisas arqueológicas, bem como pela existência de inúmeros museus espalhados no mundo. Todos procurando trazer o ontem para o hoje (CHAMPLIN, 2011).

O autor Mitchell (1991), traz um panorama muito interessante do que foi o despertar dessas antigas civilizações. Em seu relato, cita o vale formado pelos rios Tigres e Eufrates, no coração do Oriente Médio, a mais de 900 quilômetros a leste do Mar Mediterrâneo, a região

parecia um deserto inaproveitável. Entretanto, por volta de 3000 a.C., um cenário assombrosamente diverso se descortinava naquela planície. Em toda sua extensão, magníficas cidades erguiam-se às margens dos rios. Em torno delas, plantações de cereais se espalhavam como uma maré de fecundidade pela planície outrora estéril. Bosques de tamareiras agitavam-se ao vento, proporcionando frutos e sombra. No interior das muralhas espessas que encerravam as cidades, templos imponentes dominavam tanto as ruas quanto os campos circundantes. Havia palácios e mansões de alvenaria e inúmeras ruas de casas confortáveis. Pessoas comprimiam-se nas avenidas e nos mercados; em centenas de oficinas, artesãos produziam todo o tipo de mercadorias, de objetos de cerâmica a reluzentes joias. Nos dias sagrados, procissões de fiéis percorriam as ruas em direção aos templos.

Segundo Mitchell (1991), nessa região, mais tarde chamada pelos gregos de Mesopotâmia, que significa “entre rios”, ocorreu o fato mais importante da história humana: o nascimento da civilização. Os descendentes daqueles agricultores da Idade da Pedra que viviam às margens dos pântanos — povo conhecido como sumério, e sua terra, Suméria — desencadearam, a partir das aparentes desvantagens de sua terra natal, movimento que alteraria a fisionomia do planeta. A Suméria, primeira civilização da história, prosperou por volta de 3500 a.C. às margens dos rios Tigre e Eufrates, no centro do Oriente Médio. Desviando a água dos rios para irrigar plantações de cereais, os sumérios acumularam riqueza agrícola empregada na manutenção de poderosas cidades-estados, e estabeleceram laços comerciais com várias partes do mundo antigo.

Enquanto alguns sábios procuravam ampliar a produção agrícola, outros se aplicavam aos assuntos espirituais. Uma classe sacerdotal muito numerosa elaborou um sistema cosmológico completo que dava um passo a passo de todos os aspectos relativos ao homem e à natureza. A religião suméria revelou-se tão poderosa que influenciou por três milênios os inúmeros povos vizinhos de modo marcante. Parte da força dessa religião estava na grande variedade de divindades, mais de 3 mil. A natureza e todas as atividades recebiam orientações de seus próprios deuses, que não eram considerados iguais. Para os sumérios, os deuses mais importantes estavam relacionados aos quatro principais domínios da natureza: céu, ar, terra e água. Uma dessas divindades sempre reinava absoluta. Todos os deuses sumérios, tanto os maiores quanto os menores, tinham as mesmas condições e necessidades físicas dos seres humanos, isto é, comiam, bebiam, amavam, casavam-se e discutiam entre si (MITCHELL, 1991).

Os templos destacavam-se como as edificações mais imponentes das cidades, e tinham várias funções de importância social, entre elas, a de celeiros para armazenar cereais doados

por agricultores para agradar aos deuses, alimentar sacerdotes que serviam no templo e àqueles em situações difíceis. Assim, sustentava-se quem trabalhava para manter o edifício e as finanças em ordem, cujas funções também eram conduzir cerimônias diárias de oferenda de comida e bebida à divindade, além de louvação com músicas instrumentais ou cantadas. Enfim, boa parte da vida espiritual, social e econômica dessa civilização concentrava-se nos templos, habitação das divindades, para qual se voltavam totalmente (MITCHELL, 1991).

Através dessa explanação, percebe-se que desde a civilização mais antiga a preocupação do ser humano de se aproximar da divindade, do sobrenatural, e do sagrado era essencial. Portanto, construíam “lares” para seus deuses com intuito de trazer para perto de si aprovação, esperança de que as divindades abençoassem suas vidas espiritual, social e economicamente, de modo que a comunidade vivesse feliz.

O sagrado traz o entendimento de que certos poderes sobrenaturais podem exercer autoridade sobre os homens, exigindo que façam certas coisas e evitem outras, forçando-os a cumprir ritos e obedecer crenças estabelecidas. É natural que o homem esteja orientado por sua consciência, pois, por natureza, é um ser religioso. Tais forças o fazem assumir e seguir certas ideias religiosas e éticas em função das quais agem, ainda que não as compreendam totalmente. O homem tem sua própria consciência religiosa, ainda que a negue. Devido ao testemunho da natureza, está inclinado a crer em certas realidades. Cabe, por oportuno, destacar que:

A religião é um sistema de ideias, de fé e de culto. A religião consiste em crenças e práticas organizadas, formando um sistema privado ou coletivo, mediante o qual uma pessoa ou um grupo de pessoas são influenciados. Uma instituição com um corpo autorizado de comungantes, os quais se reúnem regularmente a fim de adoração, aceitando um conjunto de doutrinas que oferece algum meio de relacionar o indivíduo àquilo que é considerado ser a natureza última da realidade (CHAMPLIM, 2011, p. 638).

A história da religião e da fé acompanha a da humanidade. Onde estiver o ser humano, aí estará a história de sua crença.

O povo hebreu é outra civilização antiga do Oriente Médio que merece destaque nessa jornada em busca da felicidade. Desde seus primórdios, recebeu como orientação um calendário lunar, por se basear no movimento ao redor da terra. Os dias nesse calendário começam no pôr do sol (mais ou menos às 18h), duram 24 horas, e seu referencial era o que as Escrituras chamam “Festas do Senhor”, indicando que a cada troca de estações haveria um encontro de júbilo com Deus. Tais celebrações especiais foram estabelecidas quando o povo hebreu se libertou da escravidão de seus inimigos, como convocações ou assembleias santas determinadas por Deus para prestar-lhe culto especial. Apontaram-se três períodos de comemorações com sete festas

individuais programadas no calendário hebraico de tal forma que os judeus, para cumpri-las, tinham que se reunir e festejar no templo situado em Jerusalém (BEAUMONT, 2012).

Booker (2016) mostra em seu livro a ordem dessas festas: a Páscoa era a primeira e principal, correspondia aos meses de março e abril. Em seguida, celebrava-se Pentecoste, referente aos meses de maio e junho. Por último, a festa dos Tabernáculos finalizava a estação agrícola e iniciava a próxima, durante os meses de setembro e outubro.

Fato importante, que não pode ser deixado de lado, de acordo com Douglas (2013), é a ênfase que esse povo dava ao sábado, dia considerado de descanso. Neste dia procuravam fazer o mínimo de atividades possíveis, atentando apenas para estar em sintonia com o seu Deus e sua família (o sábado é reservado até os dias de hoje). Este é outro exemplo de que a cultura de um povo, seu modo de vida, não desvinculam o social, o econômico e o espiritual. Busca-se equilíbrio, paz, harmonia, e, principalmente, felicidade.

Os exemplos apresentados mostram que, ao longo da história, o senso de pertencimento do homem é colocado em primeiro lugar, isto é, a necessidade de pertencer a uma comunidade, religião, sociedade, a grupos bem-sucedidos. Inserir-se em uma família, um lar, um grupo de ensino, um local de lazer é completamente saudável. Contudo, quando isso ocorre, o ser humano percebe que ao seu lado está o outro. No dizer expressivo de Azevedo (2016, p. 1861):

Para rir, precisamos do outro.
Para falar precisamos do outro.
Cada um de nós precisa do outro, que devemos ter melhor do que nós.
Se olhamos para as pessoas da nossa família ou do nosso trabalho ou da nossa igreja e as vemos piores do que nós, como teremos amizade com elas?
Poderemos usá-las e depois descartar. Poderemos ter breves contatos para nossos próprios interesses, como se fossem apenas coisas.
Não temos amigos para receber deles, mas para lhes oferecer. Somos como instrumentista numa orquestra oferecendo o melhor para a música. A beleza vem da entrega de cada instrumentista ao seu instrumento.
Temos amigos para os fortalecermos. Quando eles fazem o mesmo conosco, também somos fortalecidos. O círculo virtuoso pode começar conosco, mesmo que o outro não responda. Quando começa com o outro, sejamos sábios para responder.
Há uma outra maneira de viver, longe da escravidão ao egoísmo e ao interesse próprio. Se acreditarmos que alegria do outro nos fortalece, nós a veremos no nosso próprio rosto também.

Pertencer a mesma comunidade, ao mesmo grupo, por vezes implica submissão, humildade e altruísmo. Uma pessoa é generosa quando pode compartilhar seu tempo, seus bens, sua energia e até mesmo seu dinheiro. Porém, as coisas nem sempre ocorrem assim. Hoje, essas palavras podem soar estranhas aos ouvidos, não por serem antigas, mas por valer a individualidade atualmente. Os seres humanos são egocêntricos, prevalece a lei do mais forte. As principais ocupações estão na proteção, na defesa e na manipulação daquilo que pode ser

bom para o indivíduo. Ações como estas roubam e distanciam cada vez mais a felicidade. Sobre isto, há em Swindoll (2011, p. 80) uma passagem interessante:

A Grécia propôs: 'Seja sábio, conheça-se!'.
Roma disse: 'Seja forte, discipline-se!'.
A religião diz: 'Seja bom, conforme-se!'.
O hedonismo dizia: 'Seja sensual, satisfaça-se!'.
A educação diz: 'Seja talentoso, cresça!'.
A psicologia propõe: 'Seja confiante, imponha-se!'.
O materialismo recomenda: 'Seja possessivo, sirva-se!'.
O asceticismo diz: 'Seja humilde, reprima-se!'.
O humanismo assevera: 'Seja capaz, acredite em você!'.
O orgulho dita: 'Seja superior, promova-se!'.
Cristo ordena: 'Seja altruísta, humilhe-se!'.

No percurso histórico da humanidade surgiram imposições ideológicas como as aqui mostradas, mas há uma luz no fim do túnel com a última frase, ainda que fosca, que brilha em uma sociedade muitas vezes egoísta e exploradora. O ser humano pode voltar a sorrir, permitir que a luz do altruísmo resplandeça e alcance a todos com sua claridade.

3 A felicidade hoje

Em temas que discutem a fé e a felicidade, impressiona a existência da possibilidade do diálogo entre o ontem, o agora e o amanhã. Sempre houve a preocupação em saber que o terreno em que se pisa é firme, fundamentado, se a crença é real e verdadeira, resultando em bem-estar e bem-aventurança. É fascinante haver interação do homem em sua ontologia, em todo o seu ser. Há uma conversa do interior — isto é, da maneira como pensa — com o seu exterior, da maneira como reage. Em sua vivência, o homem certamente é pego de surpresa por suas reações, desafiado por aquilo que nem esperava, embora seja o protagonista do espetáculo da vida real.

Conforme os conceitos existentes, ser feliz consiste em ser abençoado, afortunado, alegre, próspero, saudável, bem-sucedido. Contudo, parece que esses conceitos foram distorcidos ou supervalorizados, pois, ser feliz virou obrigação, independentemente de saber o que se quer ou não, gerando crise existencial. Algumas pessoas se esforçam por parecer que não existem problemas em suas vidas, enganam-se ao pretender mostrar que tudo está muito bem. A felicidade pode ser encontrada, sim, em meio a aflição, ao desânimo, a doença, a problemas financeiros. A felicidade não está somente nos prazeres deste mundo, mas poder ser vivenciada na paz que provém do Criador e da harmonia com todos ao redor.

De repente, o homem se perde no meio do caminho, em relação a ser feliz de verdade. Chauí (2012) remonta à reflexão de Sócrates, filósofo da Grécia Antiga (470 a 399 a.C.), no

templo de Delfos, a partir da máxima “Conhece-te a ti mesmo”, e a aprofunda em muitos sentidos. Aprofundar tal frase, afirmativa ou interrogativamente, é completamente pertinente, porquanto o homem conhece a si mesmo, ou não, ou apenas em partes. Conforme assevera o filósofo francês Truc (1958, p. 43):

Conhecer-se não é apenas ver-se e não se enganar a respeito de si próprio; conhecer-se é descobrir na economia do próprio eu a economia do mundo, saber para onde ele vai e que forças o dirigem. Conhecer-se é aprender que essas forças não são unicamente dinâmicas e própria para construir o Cosmos da matéria, mas que elas propõem e impõem uma realidade ideal de ordem particular, que se acham presentes na ação como na meditação e que são, tanto em nós como em fora de nós, o efeito de um poder, de uma prudência e de uma inteligência soberanos: Conhecer-se, em suma, é conhecer a Deus.

As palavras desse filósofo evidenciam se realmente o homem tem a coragem de se descobrir, de se explorar e de se surpreender consigo. Pode ser mais conveniente viver na superficialidade, evitando a compreensão de quem se é realmente.

Em seu artigo, Nozaki (2017) faz uma importante reflexão, segunda a qual, ao buscar o *eu*, olhar para dentro si, o homem se depara com uma felicidade um tanto opressiva, tirânica e impositiva — aceita como lema de vida que sua felicidade depende somente de sua produtividade. Atualmente, felicidade é mais que dinheiro, é ostentação, mostrar o palpável, o luxo, demonstrar que tem fama, poder, uma vida amorosa de dar inveja, sucesso financeiro, e, principalmente, que ajuda instituições beneficentes; divulgar viagens, idas a restaurantes chiques, passeios em shoppings — a vida se tornou um espetáculo social para que todos assistam e aplaudam, digam “eu gostaria de ser assim”.

A felicidade deve ser alcançada pelas metas, diz o “coaching”, o profissional do momento. O marketing e a publicidade vendem a ideia de que o homem precisa ser feliz a qualquer o custo. A felicidade é o alvo do rico e do pobre, do alfabetizado e do ignorante, do que tem fé e do ateu. Se não se atinge metas, não se vive de verdade. Tal pensamento justifica a ingestão de substâncias tóxicas e a embriaguez em nome do prazer; há roubo e trapaça em vista de um final feliz. É pela felicidade que o índice de divórcio só aumenta, casais se separam, deixam seus lares à mercê; guerras acontecem supostamente em nome da paz, a despeito de evidentes disputas de poder, e a vida de muitos inocentes fica no meio do fogo cruzado.

Há um comportamento estranho na busca pela felicidade. Alguns desejam comprar felicidade. Outros, usurpar a de seu semelhante. Alguns se alegram no prazer de dominar, e outros no consumo exacerbado. Desta forma, a felicidade é continuamente perseguida, em vez de vivenciada, resultando em frustração (MARQUES, 2017).

O mundo hoje vive sob o imperativo “seja feliz”, “estar satisfeito o tempo todo”, e isto inclui: “não há sofrimento”, “todos os desejos precisam ser satisfeitos”, “construa sempre uma imagem de sucesso”. Se a realidade não é assim, maquia-se, finge-se, ostenta-se. Pessoas expõem ou vendem sua intimidade por pouco, tentam editar sua vida de maneira colorida, escondendo o preto e branco da realidade, acatando as tiranias das demandas deste século.

A fé foi deixada no meio do caminho. Pessoas com um pé no individualismo e o outro no materialismo continuam arraigadas no estilo de vida do momento, a perseguir o total engajamento e aceitação em redes sociais, contemplar a felicidade dos livros de autoajuda e procurar equilíbrio nas famosas “terapias breves”. Contudo, existe a possibilidade de reversão desse quadro. Swindoll (2011, p. 199) assinala: “Deus nos fez com uma mente para que pensemos livremente; Deus nos fez com um coração, para que amemos livremente; Deus nos fez com poder de decisão, para que obedeçamos livremente.”.

A qualquer momento, o homem pode alterar o curso de seu pensamento e de suas ações, responsabilizar-se por tais atitudes, embora precise vencer a si e à oposição externa. A consciência humana sabe diferenciar o certo e o errado, discernir entre o bem e o mal. O ser humano é criativo, possui grandes capacidades intelectuais e espirituais, e, de fato, tem potencial para agir com maturidade. Longe de ser um fantoche, é completamente responsável por suas decisões. Pode escolher se desapegar não somente do concreto, mas, sobretudo, daquilo que interfere em suas emoções, como a miséria afetiva viciada em reconhecimento público. Largar o orgulho, a vaidade, a inveja e o desejo insaciável de possuir cada vez mais. Segundo Kivitz 2004, p. 36):

Uma felicidade que não depende do lugar em que se chega, mas sim do jeito que se vai. Uma felicidade que seja capaz de conviver com a imperfeição, com a frustração, com castelos desmoronando, com desejos não satisfeitos. Uma felicidade mais simples e singela e menos hollywoodiana. A felicidade de aprender, crescer, mudar as coisas e mudar a si mesmo – ou simplesmente, de deixar-se transformar.

O homem foge da tirania da felicidade ao fazer o melhor mesmo sem reconhecimento interessado, ao ser indiferente ao julgamento superficial e parar de querer ser feliz o tempo todo, pois, nasceu com autonomia, capacidade de escolha, consegue decidir o caminho certo rumo a felicidade ou permitir que os algoritmos sistematicamente resolvam seus problemas e controlem seus sentimentos.

4 A felicidade na mira do tempo

Há cerca de 3 mil anos, o sábio Rei Salomão deixou registrado, no livro canônico de Eclesiastes, que há um tempo e um propósito determinados para todas as coisas. Tal registro se resume em:

“Deus fez tudo apropriado a seu tempo. Também pôs no coração do homem o anseio pela eternidade: mesmo assim ele não consegue compreender inteiramente o que Deus fez. Descobri que não há nada melhor para o homem do que ser feliz e praticar o bem enquanto vive. Descobri também que poder comer, beber e ser recompensado pelo seu trabalho é um presente de Deus.” (Ec 3. 11-13 NVI).

O autor mostra que tudo necessita de algum tempo, isto é, os acontecimentos e as ocasiões, más ou boas, têm duração determinada, ordem cronológica que representa as etapas da vida, a “esteira do tempo”: nascimento, infância, juventude, adulto e velhice; solteiro e depois casado; sozinho e depois com família constituída; saudável e doente; triste e feliz.

O homem trilha esse caminho como desejar, dedicando mais tempo ao permanente ou ao passageiro. Na vida, praticamente tudo pode ter concerto, mas jamais se resgatam os dias perdidos. Não existe poupança para armazenar o tempo; o que foi gasto sem nenhum significado, não se recupera mais. Enfim, tempo perdido. De acordo com Gitt (2014): “o tempo que está à nossa disposição acontece apenas uma vez. Além disso, ele tem um começo e também tem um fim. Para cada pessoa é outorgada certa quantia de tempo, [...] não podemos prolongar nosso tempo, porém podemos abreviá-lo.” (GITT, 2014, p. 33).

Quando o homem nasce, recebe o tempo, que não sabe quanto durará, mas que de fato existe. O bom uso do tempo exige atenção em relação às prioridades, às coisas mais importantes, hierarquizar o que é mais necessário requer categoria. O tempo pode ser aliado do homem, não necessariamente adversário, nem mesmo um instrumento que sugue energias.

Com sabedoria se conhecem os próprios limites. O homem gosta de ir além da própria força, por isso trabalha muito, e pode ficar cansado. O cansaço afeta todas as áreas da vida, prejudica relacionamentos e trava profundamente a vontade de viver e fazer o que é bom. Descansar é saudável, favorece tanto o estado físico quanto o emocional, faz bem ao convívio. A interação faz o homem se encontrar, enxergar-se, ser grato por sua vida, sua família, além de avaliar seu dia, se administra o tempo da maneira correta, e se faz o inventário de sua vida com reclamação e insatisfação ou com equilíbrio.

Com temperança e paciência em relação ao fator tempo é possível manter uma vida equilibrada, empregar seu tempo de maneira adequada, controlar suas palavras e ações, entender haver dias bons e ruins, bem como considerar seus semelhantes mais que a si. Assim, o tempo é um aliado. O ser humano nasceu com o direito de ser feliz, por isso a felicidade é tão

necessária e perseguida. A morte atinge a uns mais cedo que a outros, mas é o homem quem decide que sentido dará a sua existência, simplificando o máximo possível, não superestimando problemas, lutando e não se entregando, valorizando seus dias e mantendo olhos esperançosos na felicidade (SOUZA, 2017). Há um fato muito importante e complexo a ser avaliado: o homem não perde tempo quando reflete sobre o tempo perdido. Tal silêncio pode fazer toda a diferença.

5 Sob as lentes da Fé

Entre as visões de mundo oferecidas pela filosofia, três se destacam: a platônica, da contemplação, do belo; a aristotélica, da práxis, da lógica; a dos filósofos pessimistas, da vida sem sentido, da felicidade inalcançável e da espera da morte. A humanidade hoje se apega a esses três exemplos para chegar à cosmovisão correta. Alguns meditam, tem uma vida contrita e procuram estar em contato com o transcendente. Outros valorizam mais a ação e a funcionalidade que a contemplação. Outros deixam a vida passar, sem esperança, visando a morte, e dizem “tudo é vaidade” (MARQUES, 2017).

E a fé, qual cosmovisão quer indicar? Swindoll (2009) mostra em seus escritos um caminho para um olhar mais preciso, uma visão não tão filosófica, mais teológica, voltada à transcendência, à contemplação. Uma visão segundo a qual é mais sensato olhar para a própria vida, em vez da alheia, além de resgatar a beleza, mostrando que a realidade deve impressionar mais que as aparências, que o homem deve deixar de lado as câmeras digitais e dispensar tempo contemplando a beleza que encontra. A alma humana anseia pelo belo, pela harmonia da criação, pela vida em comunhão, pela pureza do amor, pelas realidades abstratas. É a beleza que mantém o coração batendo em meio à dor e o pavor. No dizer sempre expressivo do filósofo e teólogo Santo Agostinho, em seu livro *Confissões*:

Longe de mim, Senhor, longe do coração deste Teu servo, que aqui confessa diante de Ti pensar que sou feliz por deter a alegria que for. Pois existe uma alegria que não é dada ao ímpio, mas àqueles que amam a Ti por seres quem Tu és. Esta é a felicidade, regozijar-te para Ti, de Ti e por Ti. Nisso consiste e em nada mais. E aqueles que pensam existir outra, perseguem algo de outra natureza, não a verdadeira alegria. Contudo, sempre haverá o vislumbre da alegria da qual sua vontade nunca se afastará (AGOSTINHO, 2019, p. 195).

Para Agostinho, o relacionamento com o transcendente traz alegria e resgata a verdadeira beleza. O conferencista Souza (2004) ressalta, em seu comentário: “Precisamos recuperar a contemplação e o belo numa cultura pragmática e fortemente determinada pelas

forças do mercado. Precisamos resistir à pressão pela produtividade. Precisamos voltar a reconhecer a harmonia e a grandeza da criação” (SOUZA, 2004, p. 29).

Na maioria das vezes, o patamar que o mundo oferece é de dificuldades e dúvidas, de lutas e adversidades, de injustiça e aflição, levando o homem a uma encruzilhada para decidir o rumo a tomar. Na bifurcação, uma placa sinaliza o caminho para a felicidade. De um lado está a estrada escolhida pela maioria, que promete muito e compartilha pouco, mas pode dar outro destino, pode conduzir à ansiedade, depressão e ao vício. Porém, há outro caminho, menos atraente e pouco percorrido — o da fé — que permite crer naquilo que não se vê, mas certo do resultado pacientemente aguardado. A felicidade, na maioria das vezes, é a resposta da espera, é a vida que vem de dentro para fora. A felicidade como esperança fica mais evidente em situações desagradáveis.

Estar feliz quando as circunstâncias são compreendidas ou reconhecidas é normal, mas o desafio é se alegrar quando a situação está difícil. Se o ser humano aprende a estar feliz em qualquer contexto, aumenta sua capacidade de manter-se firme, esperançoso e perseverante, e, conseqüentemente, mais leve para contemplar o belo e o que realmente vale a pena.

6 Conclusão

A partir do caminho trilhado neste texto fica claro ser fé algo pessoal ligado à espiritualidade como à busca de respostas aos grandes questionamentos da existência humana. Tanto a fé como a felicidade são fenômenos predominantemente subjetivos, ligados mais ao temperamento e à postura diante da vida que a fatores externos. Portanto, envolvem personalidade, otimismo, resiliência, gratidão e altruísmo, entre tantos outros sentimentos que expressam atitude positiva.

Em vista disso, o mundo é feito da mistura e interação de pessoas e comunidades, chamados relacionamentos humanos. A sociedade se mantém através do senso de pertencimento e da compreensão. Por meio dessas interações o ser humano evolui, encontra autoestima, identidade e sentido para a vida.

Unidade e diversidade caminham juntas, desde que seja considerada e respeitada a individualidade dos membros de uma sociedade. O homem precisa do outro para completar a felicidade, porquanto é difícil ser feliz sozinho. Pode-se dizer que uma das palavras que se destacam hoje é “condescendência”, que indica descer ao nível do outro, de modo que permaneçam juntos.

Talvez por falta disso a humanidade não encontre felicidade real, isto é, por deixar de olhar para si e perceber o entorno, de descer até o outro, compartilhar suas necessidades, de voltar-se para o transcendente, com gratidão pelo tempo vivido, tão precioso.

Em síntese, deve-se encarar a felicidade como algo simples e espontâneo, não como tirania, imposição. Às vezes, o sofrimento é necessário para trazer à tona o que realmente tem valor. Os sentimentos que devem permanecer não são aqueles alimentados aqui e agora, mas em um longo processo em que as coisas estabeleçam seus devidos lugares. A vida não é apenas sorrisos, há lágrimas, e ambas fazem parte do caminho rumo a felicidade.

Bibliografia

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 1. ed. Jandira: Ciranda Cultural, 2019.

AZEVEDO, I. B. **Bíblia Sagrada Bom Dia**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016.

BEAUMONT, M. **Guia Prático da Bíblia**: Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BÍBLIA. Português. *In*: Bíblia Sagrada NVI. 1. ed. Santo André: Geográfica, 2015.

BOOKER, R. **Celebrando Jesus nas Festas Bíblicas**. Niterói: BV Books, 2016.

CHAMPLIM, N. R. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 10. ed. São Paulo: Hagnos, 2011. v. 1.

CHAMPLIM, N. R. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 10. ed. São Paulo: Hagnos, 2011. v. 5.

CHAUI, M. **Iniciação à Filosofia**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2012.

CHESTERTON, G. K. **Ortodoxia**. 1. ed. Jandira: Ciranda Cultural, 2019.

DOUGLAS, W. **O Poder dos 10 Mandamentos**: São Paulo: MC Mundo Cristão, 2013.

GITT, W. **O Tempo e a Eternidade**. 1. ed. Porto Alegre: Chamada, 2014.

KIVITZ, E. R. A Tirania da Felicidade. **Eclésia**, São Paulo, 2004.

LIETH, N. Fugindo, buscando e combatendo. **Chamada**, Porto Alegre, dez. 2020.

MARQUES, C. D. Pensando o Existencialismo: Nota Para Uma Reflexão. **Filosofia Ciência & Vida**, São Paulo, v. X, p. 68-73, abr. 2017.

MARQUES, V. Por Uma Filosofia Subalterna. **Filosofia Ciência & Vida**, São Paulo, abr. 2017.

MITCHELL, T. C. **A Era dos Reis Divinos**. Rio de Janeiro: Abril Livros, 1991.

NOZAKI, W. V. Por Uma Economia de Novos Valores. **Filosofia Ciência & Vida**, São Paulo, mai. 2017.

RINDLISBACHER, S. 31 Definições de Fé em Hebreus 11. **Chamada**, Porto Alegre, mar. 2021. Disponível em: <https://revista.chamada.com.br/articles/392-31-definicoes-de-fe-em-hebreus-11>. Acesso em: 26 out. 2021.

SILVA, R. A. **Caminhos da Filosofia**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2017.

SOUZA, F. C. S. O Homem Moderno e o Seu Lugar no Tempo. **Filosofia Ciência & Vida**, São Paulo, mai. 2017.

SOUZA, R. B. A Contemplação do Belo. **Eclésia**, São Paulo, jul. 2004.

SWINDOLL, C. **Como Viver Acima da Mediocridade**. 3. ed. São Paulo: Vida, 2009.

SWINDOLL, C. **Volte a Sorrir!** 1. ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2011.

TRUC, G. **História da Filosofia**. Porto Alegre: Editora Globo S.A., 1958.